



MATA ATLÂNTICA: REDUTO NATURAL AMEAÇADO

* Agnaldo Kupper

RESUMO

O caráter extremamente predatório dos recursos naturais do Brasil mostra uma cobertura vegetal nativa reduzida. Basicamente, a área que apresenta um maior remanescente florestal nativo encontra-se na faixa litorânea do Brasil (vegetação de Mata Atlântica), porém sujeita à destruição.

ABSTRACT

The extremely predatory character of the natural resources in Brazil, shows the native vegetation surface covering reduced. Basically, the area which showed a larger remaining native forest is located at the seaside rim of Brazil (the Atlantic Forest vegetation), but subject to destruction.

UNITERMOS: Devastação; Vegetação de Mata Atlântica.

KEY WORDS: Destruction; Atlantic Forest Vegetation.

1. INTRODUÇÃO

A vegetação de Mata Atlântica originalmente estendia-se desde o Estado do Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, acompanhando as escarpas voltadas para o mar. Isto significa dizer que esse tipo florestal e seus ecossistemas associados abrangeram, até meados do século XX, dezesseis Estados brasileiros, cobrindo uma área de aproximadamente 1.000.000 de km².

Atualmente, mostra-se como um dos ecossistemas mais ameaçados do planeta, em permanente risco de extinção.

* Docente do Departamento de Ciências Exatas do CESULON.
Mestre em História, na área de História e Sociedade.



A Mata Atlântica encontra-se exposta a dois fatores que a diferenciam do tipo básico de floresta tropical: obtém influência de um clima mais úmido (ocupa as vertentes que funcionam como anteparo aos ventos úmidos procedentes do Atlântico) e ocupa relevo acidentado (com grandes inclinações, o que facilita o acesso à luz). Este segundo fator afeta o tamanho das espécies vegetais, que chegam a um máximo de trinta metros (inferior às medidas encontradas na Floresta Amazônica), mas apresentam troncos mais grossos e copas mais frondosas. Na Floresta de Mata Atlântica são comuns o cedro, o jacarandá, o jatobá e a peroba, além de inúmeras pteridófitas (destaque à samambaiçu)². Trata-se, portanto, de uma cobertura vegetal de formação florestal densa, compondo-se de vegetação primária e secundária.

Segundo dados atualizados, os remanescentes de Mata Atlântica totalizam apenas 7% em todo território nacional, em relação à sua estrutura original.¹

2. A EVOLUÇÃO DA DEVASTAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA NO BRASIL

Análise comparativa entre dois estudos baseados em fotografias por satélite, coordenadas pela Fundação SOS Mata Atlântica e pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), em todo o Brasil, indica que o país possuía 8,8% de mata atlântica original em 1990. Já em segundo levantamento, realizado pelas mesmas organizações entre 1990 e 1995, revela que a área total de mata atlântica no país diminuiu para 7% da original.

Tal área remanescente compreende uma área de 1.493 km² o que, para efeitos comparativos, significa pouco mais do que o equivalente a sessenta cidades do tamanho de São Paulo. Assustador verificar que, originalmente, os redutos de mata atlântica no Brasil somavam 21.408 km² ou, como queiram, mais de oitocentas cidades de São Paulo. Ainda para efeito de comparação, vale lembrar que a área destruída de mata atlântica até os dias de hoje equivale a 51 Estados do Sergipe.

Os estudos revelam que o sul da Bahia e os Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo são as áreas que mais perderam mata atlântica original. Na Bahia, podemos apontar a crise do cacau (produto que necessita do sombreamento de áreas nativas) como um fator preponderante para a devastação, isto porque nativos agricultores trocaram as plantações por pastagens.

A situação em todo o país é gravíssima e vale lembrar que este tipo de vegetação (e seus remanescentes) concentra 171 dos 202 espécies de animais ameaçados de extinção no Brasil.

¹ Fundação SOS Mata Atlântica & Instituto de Pesquisas Espaciais - Evolução dos Remanescentes Florestais de Mata Atlântica e Ecossistemas Associados no Período 1985-1990. São Paulo, 1992. Datilografado.

² F.M.A. Alencar & M. de Carvalho - Estudos Procedidos visando a Definição da Área da Escarpa Atlântica no Estado de São Paulo, cuja vegetação seria declarada de Preservação Permanente. Instituto Florestal, São Paulo, Publicação nº 6, 1975.



Ao longo da história nacional, os anos 40, 50 e 60 do atual século registraram a maior devastação da cobertura vegetal de mata atlântica, o que atesta a grande ocupação e exploração da costa brasileira.

Quadro 1 - Números da Devastação

NÚMEROS DA DEVASTAÇÃO				
UF	MATA	DESMATAMENTO (1990/1995)	HA	%
ES	409.741	387.313	22.428	5,47
GO	7.119	6.471	848	9,1
MS	43.752	39.555	4.197	9,59
MG	1.214.059	1.125.108	89.951	7,32
PR	1.815.137	1.730.528	84.609	4,66
RJ	1.069.230	928.858	140.372	13,13
RS	535.255	508.482	28.793	5,38
SC	1.729.160	1.666.241	62.919	3,64
SP	1.858.959	1.791.559	67.400	3,62
TOTAL	8.882.412	8.182.095	500.317	5,76

FONTE: INPE/ISA

3. ESTADO DE SÃO PAULO: DEVASTAÇÃO CONTÍNUA E CONSISTENTE

Em São Paulo, o domínio da Floresta de Mata Atlântica originalmente estendia-se do litoral atlântico até o interior paulista, chegando a ocupar mais de 80% da área do Estado. A destruição deste tipo florestal merece atenção especial.

Segundo levantamentos realizados pela Fundação SOS Mata Atlântica, interpretados por técnicas visuais de imagens do sistema LANDSAT TM em escala 1:250.000, entre 1985 e 1990, a Mata Atlântica, em sua porção paulista, "foi devastada numa área total de floresta quase equivalente à da Estação Ecológica da Juréia (79.000 hectares), a mais importante unidade de Conservação da Mata Atlântica criada neste período."



Grande parte dos 61.720 hectares de Mata Atlântica destruídos em território paulista entre 1985 e 1990 se deu no interior do Estado.

Toda esta perda é vista por várias entidades e organizações ecológicas mundiais como irreparável, isto porque a Mata Atlântica possui um dos mais altos índices de biodiversidade do mundo.

Em Iguape e Santos houve, entre 1985 e 1990, o maior desmatamento contínuo do Estado (3.000 hectares) e o maior responsável por esta perda foi exatamente a prática do reflorestamento. Neste mesmo período, no litoral e na Serra do Mar, foram destruídos 27.278 hectares, ou seja, 44,20% do desmatamento total do Estado de São Paulo, embora esta destruição tenha sido menos representativa do que no interior³.

Como causa da devastação no tipo florestal de Mata Atlântica ao longo de sua exigência, pode-se apontar:

- avanço de monoculturas, como da cana, laranja e reflorestamento; expansão de pastagem; desmatamento seletivo (tanto no litoral quanto no interior), onde a mata aparentemente continua intacta, mas suas madeiras mais nobres e outros produtos já foram extraídos, diminuindo sensivelmente sua riqueza e biodiversidade original;
- avanço industrial paulista;
- a extração de areia nos municípios de Peruíbe e Itanhaém, ambos do Estado de São Paulo;
- escorregamento de encosta na região de Cubatão (SP);
- cultivo de banana, maracujá e chá no litoral sul do Estado;
- estabelecimento de pequenas propriedades agrícolas nos municípios de Registro, Jacupiranga, Cananéia e Iguape (SP).

O desmatamento dos remanescentes florestais de Mata Atlântica no Estado de São Paulo foram destruídos ao dobro da velocidade dos remanescentes florestais do Rio de Janeiro (61.720 contra 30.759 hectares, entre 1985 e 1990). Importante citar, no entanto, que o Estado do Rio de Janeiro não possui um aparato de fiscalização tão encorpado quanto o do Estado de São Paulo, que conta com organismos como o Departamento Estadual de Proteção aos Recursos Naturais e a Polícia Florestal.

Segundo o "Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas Associados do Domínio da Mata Atlântica no Estado de São Paulo", elaborado pela Fundação SOS Mata Atlântica e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) em 1992, a evolução do desmatamento da floresta de Mata Atlântica no Estado de São Paulo pode ser mostrada no quadro a seguir:

³ Fundação SOS Mata Atlântica, op. cit.

Quadro 02 - Áreas Cobertas por Remanescentes de Mata Atlântica e Ecossistemas Associados no Estado de São Paulo

Classes	1985	1990	Incremento		Decremento	
	hectares	hectares	ha	%	ha	%
Floresta	1.792.629	1.731.472	563	0,03	61.720	3,44
Restinga	175.936	174.783	0	0,00	1.153	0,66
Mangue	16.460	16.359	0	0,00	101	0,61

Fonte: SOS Mata Atlântica, INPE, 1992.

Em 1990, a área total de Mata Atlântica no Estado era de 1.731.472 hectares, sendo que 284.654 hectares (16,44% do total do Estado) encontravam-se no interior e 1.446.818 hectares (83,56% do Estado) no litoral.

O desmatamento de Mata Atlântica no Estado de São Paulo entre 1985 e 1990 atingiu cerca de 34.442 hectares no interior e 22.278 hectares no litoral, o que significa dizer que a devastação deste tipo florestal é bem maior nas intrínsecas do Estado. Por sua vez, as regiões de maior desmatamento por área no Estado foram Iguape e Santos e o maior índice de concentração de desmatamento (proporção desmatamento/área florestal) se deu no Pontal do Paranapanema, no município de Loanda, onde 22,8% (1.421 hectares) de uma área de 6.234 hectares em 1985 foi devastada.

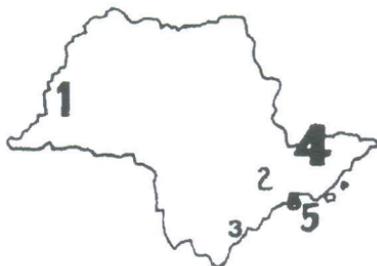
Já o maior desmatamento em área contínua se deu no município de Mogi das Cruzes, no distrito de Taiaçupeba (aproximadamente 3.000 hectares).

No que se refere à distribuição das áreas ocupadas por Mata Atlântica, as maiores extensões de mata contínua e conservada encontram-se, atualmente, concentradas na Serra do Mar, isto porque esta região é inadequada para a exploração agropecuária, além de possuir unidades de conservação. No interior do Estado restam poucas áreas de remanescentes de Mata Atlântica (restingas e mangues), isto porque é no interior que se realiza a maior parte dos desmatamentos, sendo os municípios mais atingidos os de Andradina, Araçatuba, Araraquara, Bauru, Campinas, França, Itapetinga, Marília, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Votuporanga⁴.

Nos levantamentos realizados entre 1990 e 1995 pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), o Estado de São Paulo continua a liderar o processo de devastação da Mata Atlântica tanto que, na grande São Paulo (cidade de São Paulo + 35 municípios) foram devastados 12.900 hectares (quase três vezes mais do que o registrado no período de 1985 - 1990). No total, no período 1990 - 1995, foram 70.883 hectares de Mata Atlântica no Estado.

⁴Fundação SOS Mata Atlântica, op. cit.

Devastação de Mata Atlântica por Regiões no Estado de São Paulo (1985 - 1990)



- Região do Pontal do Paranapanema (1)

É a região com maior índice de desmatamento no Estado. Teodoro Sampaio em 1985 tinha 6.234 hectares de Mata Atlântica. Cinco anos depois restavam apenas 4.813 hectares. Causas: pastagens e monoculturas, especialmente de cana-de-açúcar.

- Região Metropolitana de São Paulo (2).

Na capital, o desmatamento tem ocorrido no norte da cidade (Cantareira) e na região das represas Billings e Guarapiranga (ao sul). Mogi das Cruzes é o município campeão do desmatamento no Estado.

- Região de Iguape (3).

É a área mais desmatada do Estado. Perdeu 8.343 hectares de mata em cinco anos. Principal causa: atuação de pequenos produtores de banana, chá e maracujá. No litoral a principal causa do desmatamento é a especulação imobiliária.

- Região de São Bento do Sapucaí e Campos do Jordão (4).

Embora ainda exista boa concentração de mata - é área montanhosa, a especulação imobiliária explica as taxas de desmatamento.

- Região de Santos e litoral norte (5).

É a segunda área mais desmatada do Estado, perdendo apenas para Iguape. Forte especulação imobiliária em São Sebastião, entre Bertioga e Maresias.

4. CONCLUSÕES

A redução das remanescentes de Mata Atlântica no país, ao longo das últimas décadas, já interfere na qualidade de vida de milhões de brasileiros.

A tendência atual é para o desmatamento das áreas ainda ocupadas por esse tipo de estrutura vegetal, basicamente pelo avanço de pastagens e pela necessidades de ocupação humana, em especial em áreas próximas de grandes centros urbanos.



Um dos maiores efeitos da devastação da vegetação de Mata Atlântica é o comprometimento da biodiversidade, assim como das nascentes de rios que abastecem grandes cidades do país.

A luta pela conservação e preservação do pouco que resta desse patrimônio mundial deve inserir-se em uma proposta concreta, ampla e que seja eficaz.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, F.M.A & CARVALHO, M. de. **Estudos Procedidos Visando a Definição da Escarpa Atlântica no Estado de São Paulo**. São Paulo, Instituto Florestal, Pub. nº 6, 1975.

ALVARENGA, R.M. **Bases da Política Florestal do Estado de São Paulo**. São Paulo, In Silvicultura em São Paulo, ano 3, 1964.

Evolução das Remanescentes Florestais de Mata Atlântica e Ecossistemas Associados, (período, 1985 - 1990/1990 - 1995). São Paulo, Publicações da Fundação SOS Mata Atlântica & Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. 1992/1997.

GURGEL FILHO, O. A. **O que é Floresta**. São Paulo, Boletim Técnico do Serviço Florestal de São Paulo, nº 02, 1963.

Vegetação Nativa do Estado de São Paulo 1988 - 1990 - Projeto Olho Verde. São Paulo, Publicação da Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo (datilografado), 1991.